

OS VERBOS BOTAR E COLOCAR NO FALAR DE FORTALEZA-CE NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Cassio Murilio Alves de LAVOR⁷⁶

Aluiza Alves de ARAÚJO⁷⁷

Resumo: Usando os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG 1968, LABOV 1972, 1994, 2001), analisamos a variação entre *botar e colocar* a partir de dados do NORPOFOR (Norma do Português Oral Popular de Fortaleza), para entender quais variáveis atuam, positivamente, na realização da variante *botar*. Seleccionamos 72 informantes, estratificados em *sexo, faixa etária e escolaridade* e submetemos a amostra ao programa GoldVarb X. Obtivemos 664 (78,5%) ocorrências para os verbos *botar* e 182 (21,5%) para *colocar*. As variáveis *tópico discursivo, faixa etária, escolaridade* e *(in) determinação do sujeito*, nessa ordem, foram seleccionadas como favorecedoras do verbo *botar*.

Palavras-chave: Botar. Colocar. Sociolinguística Variacionista. Fala Popular.

Abstract: *Using the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV, HERZOG 1968, LABOV 1972, 1994, 2001), we analyzed the variation between botar and colocar from data of NORPOFOR (Norma do Portuguese Oral de Fortaleza), to understand which variables act, positively, in the realization of the variation of botar. We selected 72 informants, stratified by sex, age group and schooling, and submitted the sample to the GoldVarb X program. We obtained 664 (78.5%) occurrences for botar verbs and 182 (21.5%) for colocar. The variables discursive topic, age group, schooling and (in) determination of the subject, in this order, were selected as favoring the verb botar.*

Keywords: *Botar. Colocar. Variationist Sociolinguistic. Popular Speech.*

⁷⁶ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE; graduação em LETRAS LICENCIATURA pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil Murilolavor_rh@hotmail.com

⁷⁷ Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora adjunta K da graduação em Letras e do curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades (CH) da UECE. Atua na área de Letras com ênfase em Linguística, Sociolinguística e Dialectologia. É coordenadora do projeto Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza – CE, UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil, aluizazinha@hotmail.com

Introdução

Apesar de o senso comum atribuir ao verbo *colocar* um juízo de valor como o correto e o verbo *botar* como coloquial, não encontramos, na literatura pesquisada (BECHARA, 2015; FERREIRA, 2003; ROCHA LIMA, 1992), nenhuma referência que justifique que o verbo *colocar* seja considerado a forma prestigiada⁷⁸ em detrimento do verbo *botar*, ou seja, do ponto de vista da norma padrão,⁷⁹ os verbos *botar e colocar* têm o mesmo valor social de verdade. Mas o que faz com que um falante escolha, muitas vezes, inconscientemente, usar uma das formas variantes e, ainda, o que leva o falante a julgar que uma forma é correta e outra não?

Essa alternância entre os verbos *botar e colocar* pôde ser observada no falar fortalezense a partir da audição de inquéritos do NORPOFOR (Norma do Português Oral Popular de Fortaleza)⁸⁰, como mostram os excertos 01 e 02 retirados de nossa amostra.

(01) ...aí a minha mulher... quer que eu pegue e jogue lá em frente também mas eu não vou fazer isso não... pego junto... e *coloco*⁸¹ num saco e... *boto*⁸² num lugar adequado... (DID 22, NORPOFOR).⁸³

(02) ...a juíza... ela:... foi muito legal comigo ela disse:... você é muito bem parecido NOvo... mas eu não quero ver seu rosto aqui de novo não... se eu ver seu rosto aqui de novo... eu vou *botar*⁸⁴ você no presídio... (DID 22, NORPOFOR).

Observamos, então, que os falantes de uma língua dispõem de mais de uma opção dentro do seu sistema linguístico, de acordo com suas intenções, para expressarem-se linguisticamente. E essa liberdade de escolha está em consonância com seus interesses sociocomunicativos. Labov (2008) esclarece que, ao situarmos os estudos da língua no contexto social, no qual ela

⁷⁸ Uma variante, em geral, adquire prestígio, se for associada a um falante ou grupo social de status considerado superior. E, com isso, tal como se verifica na moda, pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior (MONTEIRO, 2000, p. 64).

⁷⁹ Faraco (2002) distingue norma culta de norma padrão, de modo geral, a norma padrão é aquela prescrita pela gramática normativa, enquanto a norma culta é aquela utilizada “por uma parcela da população que mais direta e intensamente lida com a cultura escrita” (FARACO, 2002, p. 39).

⁸⁰ Araújo (2007) utiliza o termo norma popular na acepção entendida por Bagno (2003): variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização (BAGNO, 2003, p.59)

⁸¹ Sentido materializado pelo verbo: introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, inserir, meter, engolir.

⁸² Sentido materializado pelo verbo: dispor, deitar, arrumar, juntar, montar

⁸³ DID (Diálogo entre Informante e Documentador) é o tipo de registro; o número 06 é o número do inquérito; NORPOFOR é o Banco de Dados com o qual trabalhamos (ARAÚJO, 2010).

⁸⁴ Sentido materializado pelo verbo: introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, engolir.

está inserida, propomos “o estudo da estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 184). Labov (2008) esclarece, ainda, que a fala em si não modifica a estrutura da sociedade, mas que as pessoas modificam a fala de acordo com o papel que desempenham na mesma.

A partir do entendimento de que os falantes de uma mesma língua dispõem de mais de uma maneira de se expressarem linguisticamente para dizerem uma mesma coisa, não necessariamente com o mesmo significado, nos sentimos compelidos a controlar os fatores que condicionam a variação entre os verbos *botar* e *colocar* no falar do fortalezense.

Além disso, o fato de um falante moldar a língua conforme sua necessidade, mas entendendo que a variação não é um processo sujeito ao livre arbítrio desse falante; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico e inerente a todas as línguas. O fato de a variação ser um fenômeno motivado por fatores linguísticos nos levou a controlar esses fatores que condicionam a variação e a descrever, em consonância com os pressupostos teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), quais desses fatores, linguísticos e extralinguísticos, beneficiam ou inibem a escolha de uma das formas verbais, *botar* e *colocar*, na amostra analisada.

Após nossa busca por estudos que contemplem a variação dos verbos em estudo, encontramos alguns trabalhos (AGUILERA; YEDA, 2008; BATÓREO; CASADINHO, 2009; ARAÚJO, 2011; BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012; CHAVES, 2014, CARMO; ARAÚJO, 2015; LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018). Destas pesquisas, apenas a de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Araújo e Viana (2018) são estudos de natureza variacionista e foram estes três trabalhos que nos serviram como norte na construção de nossas hipóteses: *botar* é mais produtivo do que *colocar*; os homens favorecem *botar*, ao contrário das mulheres que beneficiam *colocar*; os mais velhos privilegiam *botar* em detrimento dos mais jovens que favorecem *colocar*; a *faixa etária II*, de 26 a 49 anos privilegia *colocar*; os menos escolarizados, *escolaridade A*, de 0 a 4 anos de estudo, favorecem mais *botar* do que os mais escolarizados, *escolaridade C*, 9 a 11 anos de estudo; o *sujeito determinado pelo contexto* favorece *botar*; sentença em que o sintagma nominal é *+animado* e *+humano* beneficia *botar*; quando o falante exerce o papel de *beneficiário* a realização do verbo *botar* é favorecida; dentre os *tópicos discursivos*, o fator *trabalho* beneficia *botar*, ao contrário do fator *escola*, que inibe o uso desse verbo; dentre os *sentidos materializados* pelo verbo, o sentido que

mais favorece o uso da variante *botar é expelir, vomitar, lançar fora, expulsar, parir*; a alternância do verbo *botar e colocar* representa um caso de variação estável.

Além de fornecer subsídios para a construção de nossas hipóteses, essas pesquisas contribuíram com a definição de nossas variáveis linguísticas (*traço semântico e animacidade do objeto, determinação do sujeito, papel do falante, sentido materializado pelo verbo na sentença*), já nossas variáveis extralinguísticas (*sexo, faixa etária, escolaridade e tópico discursivo*) foram delimitadas pelo próprio *corpus* com o qual trabalhamos.

Esta pesquisa trata da variação dos verbos *botar* e *colocar* em tempo aparente no português falado de Fortaleza no início dos anos 2000, controlando todos os sentidos dos verbos em pauta que foram encontrados em nossa amostra, diferentemente das pesquisas que nos servem como parâmetro (LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018; CARMO; ARAÚJO, 2015; BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012), que analisaram os verbos em questão apenas no sentido de *pôr*. Para a realização de nossa pesquisa entre as formas alternantes *botar* e *colocar*, escolhemos o primeiro como valor de aplicação⁸⁵

Organizamos esta pesquisa em seções: introdução, que aborda os preceitos teórico-metodológicos da sociolinguística Variacionista, delimita o tema e apresenta o objetivo do trabalho, questionamentos e hipóteses. Em seguida, apresentamos a variação entre os verbos *botar* e *colocar* no português do Brasil, a partir das pesquisas que nos servem como norte. Continuando, expomos a metodologia usada na coleta dos dados e a ferramenta estatística usada. Em seguida, apresentamos as análises descritivas dos dados apresentados pelo programa e encerramos com as considerações finais.

A próxima seção apresenta os trabalhos sobre o fenômeno da variação entre *botar* e *colocar* no Brasil, selecionados apenas os três que fazem uso dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, LABOV, 2008) e, por essa razão, atuaram como norteadores para essa pesquisa.

⁸⁵ Em uma análise feita pelo pacote de programa Varbrul, o pesquisador deve escolher qual das variantes será tratada como aplicação da regra e, ao realizar a rodada dos dados, deve informar ao programa o respectivo código dessa variante (GUY; ZILLES, 2007, p. 229).

A variação dos verbos *botar* e *colocar*

Das pesquisas encontradas sobre o uso dos verbos *botar* e *colocar* no português do Brasil, dispomos aqui as três pesquisas selecionadas por trabalharem sob a perspectiva da Sociolinguística Quantitativa, assim como nesta pesquisa.

A pesquisa de LAVOR, Araújo e Viana (2018) analisou a variação dos verbos *botar*, *colocar* e *pôr* a partir de dados extraídos do ALiB⁸⁶ (Atlas Linguístico do Brasil) à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008, 1994, 2001). Este estudo controlou a variável *localidade*, selecionando cidades e capitais de três estados da região Nordeste do Brasil: Alagoas (Arapiraca, Santana do Ipanema e Maceió), Ceará (Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobra Tauá e Fortaleza) e Piauí (Canto do Buriti, Corrente, Picos, Piripiri e Teresina).

Além da variável *localidade*, os pesquisadores controlaram as variáveis *sexo* (masculino e feminino) e *faixa etária* (faixa I, 18 a 30 anos, e faixa II, 45 a 60 anos). Controlaram, também, o grupo de fatores *forma verbal* (presente, pretérito e demais formas encontradas) e *tipo de questionário* (QFF - Questionário Fonético-Fonológico, QSL - Questionário Semântico-Lexical, QMS - Questionário Morfossintático, Questões de Prosódia, Discurso Semidirigido e Perguntas Metalinguísticas). A variável *escolaridade* não foi controlada nessa pesquisa, em virtude de todos os informantes possuírem o ensino fundamental incompleto.

Após ouvir todos os inquéritos na íntegra, os pesquisadores selecionaram uma amostra com 84 informantes (42 do sexo feminino e 42 do sexo masculino), distribuídos por cidades dos estados de Alagoas, Ceará e Piauí. As 831 ocorrências para os verbos em estudo foram codificadas e submetidas ao programa GoldVarb X, para realizar as análises estatísticas (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Em uma primeira rodada ternária, *botar* x *colocar* x *pôr*, não foi possível para os autores obterem os pesos relativos e a seleção dos fatores relevantes, o programa GoldVarb X selecionou 351 (42,2%) ocorrências para *colocar*, 353 (42,5%) para *botar* e 127 (15,3%) para

⁸⁶ O ALiB surgiu com o objetivo de mapear o falar brasileiro, a partir de dados colhidos, *in loco*, nos 250 pontos de inquérito, distribuídos pelas cinco regiões do país. Na realização desta empreitada, foram percorridos 257.851 quilômetros, de acordo com Cardoso e Mota (2012, p. 856), e foram entrevistados 1.100 informantes. “Trata-se, portanto, do maior e mais atual *corpus* do português falado que temos notícia, por isso nos interessamos em analisar os verbos *botar*, *colocar* e *pôr* neste banco de dados” (LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018, p. 260).

pôr. Os dados apresentados demonstram não haver diferença significativa entre ocorrências para as variantes *botar* e *colocar* nos estados de Alagoas, Ceará e Piauí, diferente da variante *pôr* que apresenta uma frequência bem inferior. Essa primeira rodada apresentou 4 nocautes⁸⁷ (1 na variável *localidade* e 3 na variável *tipo de questionário*).

Ainda na rodada ternária, na variável *sexo*, a variante *botar* desponta como a mais frequente entre os indivíduos do sexo masculino, com 47,3%, nos três estados do Nordeste e a variante *colocar* como a mais frequente entre os indivíduos do sexo feminino, com 47,7%; já o verbo *pôr* não apareceu como relevante, comparando-o com os outros dois verbos, mas ele é mais usado pelo sexo masculino, se comparado ao sexo feminino.

A variável *faixa etária* se comportou como mais frequente entre os indivíduos de 45 a 60 anos para o verbo *botar* (55,3%), já os indivíduos da *faixa etária I* usam mais a variante *colocar* (54,9%). Com relação à variante *pôr*, com menor expressividade no grupo de fatores, é mais frequente na *faixa etária I* (25,3%).

Quanto à variável *localidade*, o programa selecionou, entre as cidades do interior, o verbo *botar* como sendo o mais produtivo nas cidades de *Limoeiro do Norte-CE* (69,2%), *Quixeramobim-CE* (66,7%), *Camocim-CE* (64,3%) e *Santana do Ipanema-AL* (64,1%), já o verbo *colocar* se destaca nas cidades de *Iguatu-CE* (69%), *Canto do Buriti-PI* (4,1%), *Arapiraca-PI* (58,1%), *Corrente-PI* (58,2%) e *Picos-PI* (50%). No que se refere às capitais, o verbo *botar* foi mais produtivo na capital *Teresina-PI* (60,8%), seguido de *Fortaleza - CE* (59,1%).

Quanto à variável *forma verbal*, a maior ocorrência para os verbos *botar* (46,9%) e *colocar* (51,6%) ocorreu com o *tempo pretérito*, já o fator *demais forma verbais* (23,8%) apresenta maior frequência para o verbo *pôr*. A variável *tipo de questionário* favoreceu o uso do verbo *botar* no *Questionário Morfossintático-QMS* (46,4%) e, para o verbo *pôr*, o *Questionário Fonético-Fonológico-QFF* (39,8%) apresentou maior frequência. Após os resultados da rodada ternária, apresentamos, a seguir, os resultados para uma rodada binária.

Em virtude dos sucessivos nocautes, os pesquisadores retiraram a variante *pôr* e realizaram uma rodada binária só com as variantes *botar* e *colocar*, com as quais 353 (50,11%) para *botar* e 351 (49,9%) para *colocar*, tendo sido registrado um nocaute no fator *perguntas metalinguísticas*. Após desprezado o nocaute e preservadas as 704 ocorrências, o programa

⁸⁷ Nocautes ou *knockOut* é uma terminologia de análise do GoldVarb X, usada em todos os programas da série Varbrul, “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158)

GoldVarb X selecionou a variável *sexo* como a mais relevante para a aplicação do verbo *botar* (0,624) entre os homens. A segunda variável selecionada foi a *faixa etária II* (0,650), única aliada da variante *botar*.

A terceira variável selecionada pelo programa, a variável *localidade*, apresentou *Camocim-CE* (0,819) como a maior favorecedora para o verbo *botar*. Entre as capitais, *Teresina-PI* (0,710) é a maior aliada da variante *botar*, já *Maceió-AL* (0,493) é a que mais inibe o seu uso. Em conclusão, Lavor, Araújo e Viana (2018) registraram uma alta produtividade entre os verbos *botar* e *colocar*, diferente do verbo *pôr* que se comportou como o menos produtivo. Os pesquisadores inferiram, a partir da diferenciação entre a *faixa etária I* e a *faixa etária II*, quanto ao uso da forma inovadora, que a variação analisada se trata de um caso de variação estável.

O segundo trabalho que nos serve como norte é o trabalho de Carmo e Araújo (2015), que aborda a realização variável dos verbos *botar* e *colocar* na norma culta de Fortaleza – CE. Esta pesquisa utiliza uma amostra constituída por 35 informantes do *corpus* do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (doravante, PORCUFORT).

As autoras controlaram as variáveis *sexo*, *faixa etária* e *tipo de registro*, *papel do falante*, *sentido do verbo*, *indeterminação do sujeito do verbo*, *locução verbal*, *tipo de sequência* e *tempo verbal*). Excluídos os nocautes, na primeira rodada, obtiveram 167 (56,4%) ocorrências para o verbo *botar* e 129 (43,6%) para *colocar*. Dos nove grupos de fatores controlados, constataram que apenas as variáveis *tempo verbal*, *sentido do verbo* e *sexo* beneficiam o verbo *botar*. Os demais fatores foram considerados irrelevantes para o emprego de *botar*.

A variável *tempo verbal* foi selecionada como a maior favorecedora da variante *botar*, cujos resultados revelaram que o *presente do subjuntivo* (0,706) é o tempo verbal que mais privilegia a regra. O *pretérito imperfeito do indicativo* (0,644), o *pretérito perfeito do indicativo* (0,592) e o *presente do indicativo* (0,549) também são aliados da regra, embora este último atue de forma bem discreta. O *gerúndio* (0,512) age de forma praticamente neutra. O *particípio* (0,071) e o *infinitivo* (0,489) desfavoreceram o emprego de *botar*.

Outro trabalho que serve como referência na construção de nossa pesquisa é o de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012). As autoras abordam a variação entre os verbos *botar* e *colocar* no sentido de *pôr* sob o aspecto quantitativo e qualitativo.

Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) obtiveram seus dados a partir de 314.587 palavras, extraídas de dois *corpora*: Projeto Mineirês (157.415 palavras) e NURC (157.172 palavras). As

autoras controlaram as variáveis: *sexo do falante* e *localização do falante*, *papel do falante*, *contexto de uso do verbo*, *sentido do verbo*, *(in) determinação do sujeito*, *locução verbal*, *termo seguinte ao verbo* e *posição do verbo*. Por se tratar de uma análise multivariada, as pesquisadoras calcularam efeitos e medidas de significância, utilizando o VARBRUL.

Das variáveis selecionadas como favorecedoras, o *gênero do falante* foi considerado relevante, sendo que as *mulheres* usam mais frequentemente o verbo *colocar* com 54,68 %, e os homens o verbo *botar*, com uma frequência de 54,63%. Esse fato demonstra um empate técnico⁸⁸.

Como as pesquisadoras lidaram com dados de dois *corpora* provenientes de cidades distintas (Belo Horizonte e Rio de Janeiro), foi verificada a variação diatópica entre as variantes *botar* e *colocar*. Os resultados apontaram que, no Rio de Janeiro, o verbo *botar* é mais usado do que em Belo Horizonte. Para essa variável, as autoras não apresentaram os respectivos pesos relativos para as ocorrências.

Das 225 ocorrências dos verbos *botar* e *colocar*, 111 foram para *botar* e 114 foram para *colocar*. O que chamou a atenção das pesquisadoras foi o fato de ter havido apenas uma única ocorrência do verbo *botar* na cidade de Belo Horizonte, no projeto Mineirês, e as 110 no NURC na cidade do Rio de Janeiro. O programa selecionou os seguintes fatores como os mais relevantes para a realização de *botar*: a *posição inicial ocupada pelo verbo na sentença* (0,943); a *localização do falante* (Rio de Janeiro, 0,819); a *determinação do sujeito do verbo* (0,620) e o *gênero feminino* (0,584). Na análise qualitativa, as autoras observaram a necessidade de se considerar os contextos discursivos, a posição e o envolvimento do falante e a intenção comunicativa desse falante na escolha de uma ou outra variante.

Procedimentos metodológicos

Aqui apresentamos a metodologia para nossa pesquisa e entendemos que a mesma é de caráter descritivo e quantitativo. Usamos os dados do *corpus* do Projeto NORPOFOR por ele atender às exigências da pesquisa realizada na área da Sociolinguística Quantitativa quanto à coleta de uma grande quantidade de dados para análise da variável estudada, pois, segundo Labov (2008), para se produzir os resultados almejados em uma análise da variação linguística

⁸⁸ Observação nossa, já que os pesquisadores não fizeram tal consideração.

não necessitamos de centenas de falantes e “que os padrões básicos de estratificação por classes, por exemplo, emergem de amostras com apenas 25 falantes” (LABOV, 2008, p. 238).

De acordo com Araújo (2011), os informantes do Projeto NORPOFOR preenchem os seguintes requisitos: são todos fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos e mantêm residência fixa na capital cearense.

Posto isso, esta pesquisa está dentro do perfil necessário para a análise da variação linguística e apresenta um retrato da língua popular ou vernáculo de Fortaleza. Vernáculo para Labov (2006, p. 86 – tradução nossa) é “a língua primeira adquirida pelo falante, controlada perfeitamente, e usada primordialmente entre amigos íntimos e membros da família”⁸⁹.

Para esta pesquisa utilizamos apenas o tipo de registro DID (Diálogo entre Informante e Documentador). Entendemos que o fato de este tipo de registro representar a fala menos formal, ou seja, aquela que apresenta uma maneira um pouco mais espontânea, registrada quando o falante não está preocupado em monitorar seu uso linguístico, representada pelo tipo de fala usada no cotidiano e em conversas informais com amigos e familiares, caracteriza o vernáculo⁹⁰ da fala fortalezense no *corpus* NORPOFOR.

O banco de dados escolhido para essa pesquisa é composto de 86 informantes para o tipo de registro DID. Destes, selecionamos previamente os inquéritos que fariam parte de nossa amostra e, para isso, também selecionamos indivíduos com as mesmas características sociais para preencherem cada célula (SILVA, 2004).

Labov (2008) orienta que o número ideal de indivíduos por célula deve ser um total de 5, para que se possa garantir a representatividade da amostra, ou seja, se tenha resultados satisfatórios. O tamanho de nossa amostra levou em consideração, além da variável descrita, o número de categorias ou células (MONTEIRO, 2000). Detalhando, temos 2 sexos (masculino e feminino) X 3 níveis de escolarização X 3 faixas etárias X 1 tipo de registro, resultando em um total de 18 células sociais⁹¹. Para essa pesquisa, as células foram preenchidas com 4 informantes cada uma, ou seja, 72 informantes distribuídos homogeneamente, suficientemente representativa na busca por resultados válidos (GUY; ZILLES, 2007).

⁸⁹ Texto original: “the language first acquired by the language learner, controlled perfectly, and used primarily among intimate friends and family members.” (LABOV, 2006, p. 86).

⁹⁰ O estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para análise da estrutura linguística (LABOV, 2008 [1972], p. 17).

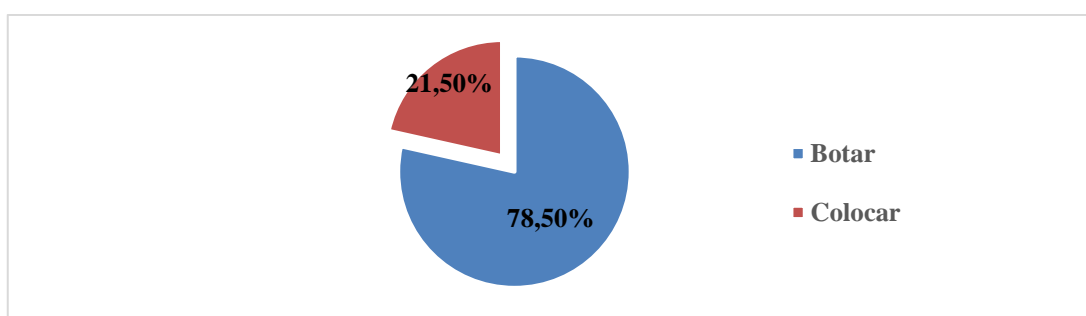
⁹¹ “Entendemos por “célula social”⁹¹ um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística” (COELHO et al. 2015, p. 101).

Descrição dos dados e análise dos resultados

Na rodada binária, o programa apresentou dois nocautes, um no grupo de fatores *tópico discursivo* no fator *outros*, 100% das ocorrências para *botar*, e mais um nocaute no grupo de fatores *sentido materializado pelo verbo na sentença*, com todas as ocorrências para o verbo *botar*, no fator *vestir, calçar, usar joias / adereços*).

Após a retirada desses nocautes, chegamos a 664 (78,5%) ocorrências para o verbo *botar* e 182 (21,5%) para o verbo *colocar*. Vejamos o gráfico 1.

Gráfico 1- Frequência das variantes *botar* e *colocar* na amostra analisada



Fonte: elaborado pelos autores.

Sem os nocautes e preservando as 846 ocorrências, o Goldvarb X revelou, no melhor nível de análise, *input* 0,835 e *significance* = 0,047, quatro grupos de fatores (*tópico discursivo*, *faixa etária*, *escolaridade*, *(in) determinação do sujeito*), nesta ordem de importância, como relevantes para a aplicação do verbo *botar*. As variáveis selecionadas como irrelevantes foram: *sexo*, *traço semântico e animacidade do objeto*, *papel do falante* e *sentido materializado pelo verbo na sentença*. Essa rodada nos surpreendeu pela frequência de ocorrências do verbo *botar* (78,5%) em comparação ao verbo *colocar* (21,5%), uma vez que os trabalhos que nos servem como base comparativa não apresentaram, em seus resultados estatísticos, uma diferença superior a 10% entre o uso dos verbos *botar* e *colocar*.

Esse resultado demonstrou que o uso do verbo *botar* é muito superior ao uso do verbo *colocar*, sendo assim, tal resultado confirma nossa hipótese inicial de que o verbo *botar* é mais usado entre os informantes da comunidade pesquisada, mas refutou a hipótese de que os homens favorecem o verbo *botar* e as mulheres o verbo *colocar*, uma vez que ficou provado que, para os informantes do NORPOFOR, o *sexo* do falante não influencia na variação/mudança linguística, já que essa variável não foi selecionada como relevante.

A primeira variável selecionada, *tópico discursivo*, mostrou-se muito relevante, tanto pelos resultados estatísticos como por nos fazer entender que o momento da fala é muito importante, quando buscamos entender o fenômeno da variação/mudança linguística. O tópico discursivo, portanto, passa a ser entendido como o elemento que compõe, organiza e fundamenta o texto falado, possibilitando ao pesquisador identificar o que se fala e como isso é organizado no texto.

Para Galembeck (2005), “tópico discursivo pode ser considerado um dos elementos essenciais na produção da fala e, por conseguinte, dos estudos de língua falada” (GALEMBECK, 2005, p.278).

Para a variável *tópico discursivo*, selecionamos dez fatores (*trabalho, religião, relacionamento, lazer, vestuário/calçado, cotidiano, vida escolar, recordações, política local/nacional, problemas sociais urbanos, outros*), relacionados com temas pertinentes ao Diálogo entre Informante e Documentador. É preciso registrar que esses temas não são controlados pelo documentador, no ato da entrevista, uma vez que não há questionários, ou seja, o documentador está livre para abordar qualquer assunto referente ao cotidiano do informante ou levantar questões sobre o passado e as experiências vivenciadas por eles.

Vejamos os resultados apresentados pelo GoldVarb X para a variável *tópico discursivo*, na tabela 2.

Tabela 2- Atuação da variável *tópico discursivo* sobre o verbo *botar* na amostra analisada

Fatores	Aplicação/ Total	%	PR
Lazer	33/37	89,2%	0,761
Cotidiano	152/168	90,5%	0,693
Política local/ nacional	22/26	84,6%	0,650
Problemas sociais/urbanos	12/16	75,0%	0,609
Recordações	224/248	90,3%	0,609
Relacionamento	56/69	81,2%	0,505
Vida escolar	27/40	67,5%	0,503
Religião	26/33	78,8%	0,368
Trabalho	105/202	52,0%	0,187

Input 0,835

Significance 0,047

Fonte: elaborada pelos autores.

A variável mais relevante para o verbo apresentou uma frequência geral de 78,5 % (664/846) para o verbo *botar* e apenas 21,5% (182/846) para o verbo *colocar*. Entre os fatores que mais favorecem o verbo *botar*, destaca-se o fator *lazer* (0,761). Porém, esse fator não está

isolado, pois, como mostra a tabela 2, outros fatores, como *cotidiano* (0,693), *política local e nacional* (0,650), *problemas sociais e urbanos* (0,609) e *recordações* (0,609), favorecem o verbo *botar*. Já os fatores *relacionamento* (0,505) e *vida escolar* (0,503), por apresentarem PR muito próximo a 0,5, são considerados neutros. O fator *outros*, não apresentado na tabela 2, sofreu nocaute com 100% das ocorrências para o verbo *botar*.

Os fatores *trabalho* (0,187) e *religião* (0,368) comportam-se como inibidores do verbo *botar*. Esses resultados induzem a questionarmos o motivo que leva o informante a escolher, entre as formas variantes, aquela que é tida, pelo senso comum, como a mais formal, em tópicos discursivos historicamente marcados. O trabalho e a religião do indivíduo são sempre assuntos que o remetem a considerações de respeito e responsabilidades.

Os excertos 03 (*lazer*), 04 (*cotidiano*), 05 (*política local/nacional*), 06 (*recordações*) e 07 (*problemas sociais e urbanos*), extraídos de nossa amostra, apresentam a disposição desses fatores, beneficiadores do verbo *botar*, de acordo com sua importância, respectivamente, na fala de nossos informantes:

(03) ...rapaz... o Ceará tá mal óh... PORque::... o treinador ao *colocou* o time é:: os jogadores de futebol pra jogar... e já perdeu já... dezoito () o Fortaleza nosso rival o nosso... da outra vez perdemos de dois times aí... Ferroviário... ruim o Ceará ()... (DID 85, NORPOFOR)

(04) ...o negócio rapaz é porque tem que fazer é é é::... colégio balne/ ajeitar esses colégios é *botar* merenda pra essas crianças merendarem... é posto de saúde... (DID 84, NORPOFOR)

(05) ...(tu é doido) *botar* um bocado de dinheiro num paraíso quero saber se eles vão buscar... (DID 21, NORPOFOR)

(06) ...né as pessoas (acabavam) de comer o resto pra *botar* numa lata pra trazer pra gente por agente ó agente passamos necessidade fome:: sabe... (DID 103, NORPOFOR)

(07) ...tem que mudar logo o presidente da federação... que o cabra tá com muitos anos na frente da federação... *botar* um... cara nova... (DID 92, NORPOFOR)

Já os excertos 08 e 09, referentes aos fatores *relacionamento* e *vida escolar*, respectivamente, se mostraram neutros.

(08) .. aí eu olhei assim (vem) ela aproxi/... era ela e a amiga dela aí parei fiquei... *botei* assim bebida no copo dela ... (DID 84, NORPOFOR)

(09) ...eu quero que ela... continue em frente... eu vou fazer de tudo... apareceu uma vagazinha assim... de computação pra ela... eu *coloco*... pra ela... ganhar um futuro melhor na vida dela... (DID 104, NORPOFOR)

Os resultados são muito interessantes, uma vez que nos remetem a uma situação histórica, no caso dos fatores *trabalho* e *religião*, em que o ser humano fica extremamente desconfortável, quando está participando de uma entrevista, para inserção no mercado de trabalho. O fator *vestuário/calçado* e o fator *outros* não se apresentaram como relevantes para o verbo *botar*, fato que contraria uma de nossas hipóteses iniciais que investia no fator *vestuário/calçado* como favorecedor do verbo *botar*.

Os resultados apresentados também corroboram nossa hipótese de que o fator *vida escolar* desfavorece a regra de aplicação, mas refuta a hipótese de que o fator *trabalho* beneficia o verbo, pois, como vimos, esse fator inibe o uso do verbo *botar*.

Os resultados estatísticos nos possibilitaram concluir que os tópicos discursivos menos formais, como *lazer*, *cotidiano*, *política local* ou *nacional*, favorecem o uso do verbo *botar*, contrapondo-se aos tópicos mais formais, como *trabalho* e *religião*, que são inibidores do verbo *botar*.

Os resultados apresentados para a variável tópico discursivo nos possibilitam pensar em uma relação com o posicionamento de Labov (2008), quando o autor defende a possibilidade de certos contextos, nesta pesquisa entendidos como *tópico discursivo*, fomentarem o uso de uma dada variante, isso porque o autor passou a concordar com Lavandera (1978), que demonstrou que há contextos mais propensos ao uso de uma determinada variante em detrimento da outra, ou seja, o contexto em que são utilizadas pode determinar o uso de uma das variantes.

A variável faixa etária foi selecionada pelo programa como a segunda a favorecer o uso do verbo *botar*, confirmando nossa hipótese inicial de que os mais velhos são os que mais privilegiam o uso do verbo em detrimento dos mais jovens. Os resultados apresentados para essa variável contrariam os estudos que serviram como norte para essa pesquisa, uma vez que tais estudos não chegaram a esse resultado em suas conclusões. Podemos confirmar a importância dessa variável, para essa pesquisa, a partir dos resultados apresentados na tabela 3.

Tabela 3- Atuação da variável *faixa etária* sobre o verbo *botar* na amostra analisada

Fatores	Aplic./ Total	%	PR
Faixa etária I	153/218	70,2%	0,299
Faixa etária II	215/284	75,7%	0,525
Faixa etária III	296/348	86,0%	0,612

Input 0,835

significance 0,047

Fonte: elaborada pelos autores.

Como podemos observar no gráfico, o verbo *botar* é mais favorecido pelos falantes de maior idade (0,612). Entretanto, os informantes da faixa etária intermediária (0,525) também beneficiam o verbo *botar*, mas fazem isso de forma bem discreta, considerando que o valor do peso relativo está pouco acima do ponto neutro (0,500), já os mais jovens (0,299) não são aliados da regra de aplicação. Percebemos que existe uma relação entre o favorecimento do uso do verbo *botar* e a *faixa etária*, pois à medida que aumenta a idade do falante, cresce o uso da variante não padrão.

Observando os resultados para a *faixa etária III*, concordamos com Araújo (2007), ao inferir que os mais velhos tendem a se tornarem menos sensíveis às formas privilegiadas quando se aproximam da aposentadoria e, com Monteiro (2000), ao afirmar que há diferenças marcantes entre a linguagem dos idosos e a dos adolescentes. O fato é que, em um mundo capitalista e competitivo, como o que os informantes estão inseridos, existe uma cobrança muito forte, por parte do mercado profissional, por uma linguagem que se distancie do vernáculo. Para Holmes (2013), os professores e pais incentivam a mudança do vernáculo em idade entre 10 e 15 anos e, subsequentemente, há uma tendência de que o extenso vocabulário de palavreado que os adolescentes usam continue a mudar em decorrência dos grupos sociais a que pertencem.

A variável *faixa etária* é de grande importância para a Sociolinguística Variacionista, pois, a partir dela, podemos detectar o estado em que se encontra uma determinada variável em uma comunidade linguística. O comportamento de uma variável linguística, dentro de cada uma das *faixas etárias*, pode nos indicar se o fenômeno está estável ou em processo de mudança. Como já registrado, esta pesquisa estuda a língua em tempo aparente, em consonância com Labov (2008), quando nos revela que a comparação da linguagem de pessoas de diferentes idades pode revelar diferentes estágios de uma língua (estudo em tempo aparente).

Podemos concluir, a partir dos dados apresentados, que a alternância entre os verbos *botar* e *colocar* trata-se de um caso de variação estável, já que percebemos uma variação

gradativa entre as três faixas etárias. O fato de os jovens não apresentarem uma maior frequência para a variante *botar* indica que não se trata de uma mudança em progresso. Esses resultados corroboram nossa hipótese inicial de que a alternância entre o verbo *botar* e *colocar* representa um caso de variação estável.

A nossa terceira variável selecionada como favorecedora do verbo *botar* foi a *escolaridade*. Para Votre (2003), “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas” (VOTRE, 2003, p. 51). O controle da variável *escolaridade* é muito recorrente na sociolinguística brasileira e, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), os anos que um falante frequenta uma escola, assim como sua qualidade, influencia seu repertório sociolinguístico. A variável *escolaridade* foi selecionada como a terceira variável que mais influencia a regra. Os resultados obtidos demonstraram que os informantes com *escolaridade* entre 5 e 8 anos de estudo são os que mais favorecem o uso do verbo *botar*.

Podemos demonstrar o comportamento do grupo de fatores escolaridade, a partir da apresentação dos resultados apresentados na tabela 4.

Tabela 4- Atuação da variável escolaridade sobre o verbo *botar* na amostra analisada

Fatores	Aplicação / Total	%	PR
A (0 a 4 anos)	231/277	83,4%	0,514
B (5 a 8 anos)	289/335	86,3%	0,590
C (9 a 11 anos)	144/234	61,5%	0,358
Input 0,835			significance 0,047

Fonte: elaborada pelos autores.

A tabela 4 aponta que o fator C (0,358), os mais escolarizados, inibe o verbo *botar*, já a escolaridade intermediária, fator B (0,590), beneficia, preponderantemente, o uso da regra aplicada, seguida da menor escolaridade, fator A (0,514), que apresenta apenas um discreto favorecimento.

A partir do observado, podemos concluir que nossa hipótese inicial de que os menos escolarizados favoreceriam o uso do verbo *botar* se confirmou, em parte, uma vez que esse fator foi o segundo, embora muito discretamente, a favorecer o uso de *botar*, tendo no grupo B o maior aliado do verbo *botar*. Porém, podemos perceber que os informantes com mais anos de escolarização são os que inibem o uso do verbo *botar*, favorecendo o verbo *colocar*, com 38,5 % de frequência. De acordo com Votre (1994), “as formas prestigiadas linguisticamente estão

codificadas nas gramáticas escolares, que relegam e desprestigiam as outras variedades, numa natural discriminação sócio-linguística” (VOTRE, 1994, p. 75).

A última variável selecionada como favorecedora do verbo *botar*, (*in*) *determinação do sujeito*, foi controlada a partir dos fatores que separam o *sujeito genérico*, ou seja, aqueles em que não conseguimos determinar, como o pronome de tratamento “você”, trazendo a ideia não de direcionamento ao interlocutor, mas, sim, de qualquer pessoa, diferentemente do sujeito determinado pelo contexto, o qual podemos localizá-lo, como nos excertos 10, *sujeito determinado pelo contexto*, e 11, *sujeito genérico*, respectivamente.

(10) ...eu já disse até pro F.... F. se eu tiver de *botar* um negócio pra mim um quatinho nem que seja um carro mas tem que ser meu se eu quiser fechar a garagem e ir embora pra casa eu fecho... (DID 65, NORPOFOR)

(11) ...eu sempre andava com os telefones deles todinhos na minha carteira tudo pode acontecer nê? Você de manhãzinha *botar* o carro pra pegar o carro não pegar um pneu furar alguma coisa... mas não sendo? o cabra não me pegava não... (DID 65, NORPOFOR)

Vejamos como essa variável se comportou, a partir da tabela 5.

Tabela 5- Atuação da variável (*in*) determinação do sujeito sobre o verbo *botar* na amostra analisada

Fatores	Aplicação / Total	%	PR
Sujeito determinado pelo contexto	552/685	80,6	0,523
Sujeito Genérico	112/161	69,6	0,405

Input 0,835

significance 0,047

Fonte: elaborada pelos autores.

Como podemos perceber, o único fator que favorece, de forma discreta, o verbo *botar* é o *sujeito determinado pelo contexto* (0,523), ao passo que o sujeito quando *genérico* (0,405) inibe a aplicação da regra.

Os dados estatísticos nos permitem constatar que o informante, quando generaliza, ou seja, defendendo que pode ocorrer com qualquer pessoa do discurso, como o pronome você, não investindo em um sujeito reconhecido no discurso, ele prefere fazer uso do verbo *botar*. Esses resultados corroboram nossa hipótese de que quando o sujeito é determinado pelo contexto o verbo *botar* é beneficiado.

Considerações finais

Constatamos que os números, oferecidos pelo programa GoldVarb X, revelam, a partir de sua frequência e probabilidade de uso, que o verbo *botar* tem uma diferença significativa de uso em relação ao verbo *colocar*, diferença, essa, muito superior à encontrada em outros trabalhos sobre o mesmo fenômeno em diferentes *corpora*.

O fato de o grupo de fatores *tópico discursivo* ter sido selecionado como o maior aliado do uso do verbo *botar* nos leva ao entendimento de que o momento da fala está diretamente ligado ao tema abordado durante a conversa e que o falante pode ser motivado a usar mais o verbo *botar* em consequência do *tópico discursivo*, sendo que aqueles momentos que aproximam o informante da zona em que ele se sente mais à vontade são os fatores em que existe uma maior frequência de uso do verbo *botar*.

A *faixa etária* foi o segundo grupo de fatores selecionado como favorecedor do verbo *botar* e indicou que os mais velhos são os que mais favorecem o uso do verbo *botar*. Esse resultado estatístico, além de corroborar nossa hipótese inicial, nos levou a acreditar que nosso objeto de estudo trata-se de um processo de variação estável.

Os falantes com escolarização entre 5 e 8 anos são os que apresentam uma maior probabilidade de uso do verbo *botar*, em oposição aos mais escolarizados, 9 a 11 anos de escolarização. A última variável apresentada como favorecedora do verbo *botar*, em uma rodada com todos os grupos de fatores, foi a *(in) determinação do sujeito*. Para essa variável, os resultados estatísticos oferecidos pelo programa revelaram que o fator *sujeito determinado pelo contexto* favorece o verbo *botar*.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; YIDA, Vanessa. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não respostas de informantes das capitais. **Signum: estudos linguísticos**. Londrina: UEL, n. 11/2 dez. 2008. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3040/2583. Acesso em: 17 Jul. 2017.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597>>. Acesso: 11 nov. 2017.

_____. O abaixamento da pretônica /o/ no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. **Caderno do CNLF**, vol. XIV, nº 2, t.2, p. 1203-1214, Instituto de Letras da UERJ, Rio de Janeiro, agosto de 2010. Disponível em: WWW.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1203-1214.pdf. Acesso em: 20 out. 2017.

_____. O projeto norma oral do português popular de Fortaleza- NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOSOFIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v.15, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. 2. ed. Editora Parábola, São Paulo, 2003.

BARRETO, Krícia Helena; OLIVEIRA, Nathália Felix; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. A variação dos verbos colocar e botar na modalidade oral. **Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária**, Anápolis, v. 4, n. 1, p.77-95, jan./jun., 2012. Disponível em: www.unucseh.ueg.br/vialitterae. Acesso em: 1 dez. 2013.

BATORÉO, Hanna J.; CASADINHO, Margarida. Botar as mãos na massa? Estudo Cognitivo da produtividade lexical do verbo ‘botar’ no PE e PB”. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2009, Évora. **Anais Eletrônicos...** Évora, PT: Universidade de Évora, 2009. p. 37-55. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/sl4/04.pdf> >. Acesso em: 1 dez. 2013.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas linguístico do Brasil: Antecedentes e Estágio Atual. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 855-870, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

CARMO, Débora Lopes; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza: uma fotografia Sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6. n. 16, p. 282 – 297, jul. 2015. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/edicoes/21/18112015102622.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

CHAVES, Monica de Freitas Frias. **Campo semântico e usos dos verbos colocar, botar e pôr no português do Brasil: uma contribuição ao ensino de PL2E**. 2014. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização de Formação de Professores de Português para Estrangeiros) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29145/29145.PDF>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Cristiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**, São Paulo: Loyola, 2002. p.37 – 60.

- FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo, FTD, 2003.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. O tópico discursivo: procedimentos de expansão. In: PRETI, Dino (org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: **Humanitas**. 2005, vol. 7, p. 277-99.
- GUY, Gregory Rui; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Editoria Parábola, 2007.
- HOLMES, Janet. **An introduction to sociolinguistics**, 4 ed. New York: Routledge, 2013.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 389 p. Título original: *Sociolinguistic Patterns*.
- _____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistics Working Paper**, Texas, n. 44, p. 1-16, 1978. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf>> Acesso em: 25 out. 2017.
- _____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- _____; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. **The atlas North American English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language Society**, n. 7, p. 171-182, 1978.
- LAVOR, Cassio Murílio Alves de; ARAÚJO, Aluiza Alves; VIANA, Rakel Beserra de Macedo. Uma fotografia sociolinguística dos verbos botar, colocar e pôr em Alagoa, Ceará e Piauí a partir de dados do ALiB. **Polifonia**, Cuiabá, v. 25, n.37, p. 171-310, jan./abr., 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/6111/pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 117- 134.

VOTRE, Sebastian Josué. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 51 -59. (Cadernos Didáticos).

_____. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2013.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.